

*O uso das metáforas em “Negro
drama”, de Racionais Mc:
estratégia para a construção de
uma identidade positiva para os
negros brasileiros moradores da
periferia*

Maria Felicidade Penha Lacerda¹
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Resumo

Este trabalho investiga como o uso de metáforas na canção “Negro drama”, de Racionais Mc, que pertence ao disco *Nada como um dia após o outro dia*, lançado em 2002, colabora com o processo de construção de uma identidade positiva para o negro brasileiro que vive na periferia. Nesta análise, são enfatizados os conceitos de metáfora conceitual e metáfora estrutural, criados por George Lakoff e Mark Johnson (2002), e como o uso dessas categorias contribui à criação de uma imagem forte, combativa e ativa. O estudo da letra tem como foco a estratégia linguística utilizada — o uso de metáforas — com o propósito de buscar formas de ressignificar palavras e atitudes capazes de agregar elementos que denotem aspectos positivos que contribuam para a criação e a recriação da identidade dos negros no Brasil, principalmente na periferia. Considera-se que a figura de linguagem extrapola a sua função linguística formal, de organização semântica no texto, adquirindo um caráter de recurso crítico que se manifesta na própria literariedade da obra analisada.

Palavras-chave

Figuras de linguagem. Identidade. Negritude. Rap.

¹ Mestrado em Letras (PROFLETRAS) pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2015). Professora de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo e da Secretaria Municipal de Educação de Vila Velha. Pesquisa em Análise do Discurso com foco em análise linguística de letras de RAP.

Introdução

O estudo das figuras de linguagem originou-se na tradição retórica, partindo da percepção de que cada palavra possuía um sentido que lhe era próprio e um significado primeiro:

Página | 176

Para a pedagogia retórica a linguagem “sem figuras” representava no processo de aprendizado do idioma seu momento inicial e, ao mesmo tempo, nas fases posteriores, uma das virtudes mais elementares do discurso, a *clareza*. Por vezes a propriedade chega a ser reconhecida como uma das fontes de beleza da linguagem [...] (BRANDÃO, 1989, p. 11).

Assim, havia uma valorização da linguagem denotativa em detrimento da conotativa. Porém, como a denotação era constantemente utilizada, acabou se banalizando e começou-se um processo inverso, que era o de valorizar a conotação.

Por isso, apesar de a denotação ser suficiente para alcançar o objetivo de estabelecer comunicação, o uso da palavra *ornada*, que trazia um significado implícito, o qual dependia do contexto em que era utilizada, passou a trazer fama aos oradores e poetas que a utilizassem (BRANDÃO, 1989, p. 11),

Os manuais antigos de retórica dividiam a linguagem figurada em três grupos: *os tropos* eram as figuras que davam às palavras uma nova significação. Dependendo do modo como se dava a relação entre a primeira significação (denotação) e a segunda (conotação), os tropos eram chamados de metáfora, metonímia, sinédoque e ironia; *as figuras de pensamento* eram aquelas que não provocavam alteração no sentido original das palavras. Entre elas, estariam a prosopopeia e a apóstrofe; *as figuras de palavras* eram as que diziam respeito ao estrato linguístico do discurso e dividiam-se em dois grupos: gramaticais e retóricas.

As teorias modernas de estudo das figuras de linguagem têm feito tentativas de dar novas explicações a esse fenômeno tão antigo. Nessas tentativas, em alguns casos as figuras de linguagem são encaradas como desvios. Mello, ao se contrapor a isso, afirma:

Do ponto de vista de que na língua-padrão se situam as normas geralmente aceitas como corretas, depreende-se, em princípio, que qualquer afastamento se classifique como erro. Assim, impõe-se considerar que, se todo erro é um desvio em relação à norma, a recíproca não é verdadeira, ou seja, há desvios que, sendo usados para atribuir ao texto um sentido artístico-expressivo, não alcançado através da língua-padrão, podem ser entendidos como fatores de enriquecimento da linguagem (MELLO, 2001, p. 15).

Em outros casos, as figuras de linguagem são vistas como uma anomalia que podem ser resultado das relações entre som e sentido, signo e referente, sintaxe e semântica. Mello (2001, p. 46-48) explica dessa forma essas relações:

- ✓ Som e sentido: há uma equivalência entre sons e sentidos, juntando-se a reiteração fônica e a semântica. São exemplos disso a aliteração e a assonância;
- ✓ Sintaxe: caracterizam-se por apresentar uma ordem peculiar dos elementos do discurso. Podem ser exemplificadas pela elipse e pela silepse;
- ✓ Semântica: caracterizam-se por ter sua atenção voltada para a significação das palavras, bem como no assunto ou tema do discurso. São exemplos a antítese, a comparação e a gradação;
- ✓ Signo e referente: caracteriza-se por estabelecer uma relação do signo com o seu referente. Exemplifica-se por meio da perífrase, ironia e metáfora.

Genericamente, costuma-se definir figuras de linguagem como sendo recursos que usamos na fala ou na escrita para tornar mais expressiva a mensagem transmitida. O estudo das figuras de linguagem interessa também à estilística por dizer respeito à expressividade do discurso em que a linguagem é usada com um viés artístico em detrimento do gramático.

A metáfora é uma figura de linguagem que, devido à importância adquirida ao longo das últimas décadas, teve os estudos a seu respeito desdobrados encadeando, assim, outros rumos que extrapolam o campo da linguagem. O seu uso nas letras dos Racionais MC, nesse artigo, será analisado como uma expressão artística para fins políticos.

Lakoff e Johnson afirmam que “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação”, o que faz com que o uso de metáforas como expressões linguísticas só seja possível “precisamente por existirem metáforas no sistema conceitual de cada um de nós” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45). Afirmam ainda que o nosso sistema conceitual, ou seja, a maneira como formulamos conceitos e agimos, é metafórico por natureza. Seriam esses conceitos os responsáveis por estruturar a maneira como compreendemos e lidamos com os fatos, sendo, desta forma, fatores determinantes do nosso modo de nos relacionarmos socialmente.

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos

comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com as pessoas (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.45-46).

É também desses autores as novas denominações criadas para a metáfora a partir dos estudos desenvolvidos: *metáforas estruturais* e *metáforas orientacionais*. As *metáforas estruturais ou conceptuais* são aquelas em que a compreensão de uma ideia e/ou de um conceito é estruturada em termos de outra ideia e/ou conceito. Já as *metáforas orientacionais* se relacionam com as orientações espaciais.

Página | 178

Uma série de exemplos de metáforas orientacionais é dada por Lakoff e Johnson, a saber:

- ✓ *Feliz* é para cima; *triste* é para baixo;
- ✓ *Consciente* é para cima; *inconsciente* é para baixo;
- ✓ *Saúde e vida* são para cima; *doença e morte* são para baixo;
- ✓ *Racional* é para cima; *irracional* é para baixo;
- ✓ *Virtude* é para cima; *depravação* é para baixo;
- ✓ *Bom* é para cima; *mau* é para baixo;
- ✓ *Status superior* é para cima; *status inferior* é para baixo;
- ✓ *Ter controle ou força* é para cima; *estar sujeito a controle ou força* é para baixo;
- ✓ *Mais* é para cima; *menos* é para baixo.

A construção desse tipo de sentido metafórico não se dá de forma casual ou aleatória, pois é motivada na experiência física e cultural estabelecida sobre bases sociais vigentes em nossa sociedade. Dessa forma, as metáforas possuem uma relatividade cultural e “os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 71).

A questão da identidade

Definições para o termo *identidade* não faltam nos meios acadêmicos das ciências sociais e humanas. Mas uma, em especial, tem chamado a atenção porque engloba todas as variantes (política, religião, etnia etc.) que compõem a questão da identidade. Sodré define a identidade como sendo a resposta para a seguinte pergunta: “Como designar o conjunto organizado de condições que rege e classifica a ação do

indivíduo ou mesmo de um grupo numa situação interativa, permitindo-lhe agir como ator social?” (SODRÉ, 1999, p. 33).

Quando falamos do sentimento de pertencimento, abre-se à nossa frente uma variedade inúmera e mutável de possibilidades, pois as velhas certezas que carregávamos acerca de nossas identidades entraram em declínio no mundo pós-moderno. Castells postula que a construção da identidade se dá na coletividade por meio de arranjos “que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de espaço/tempo” (CASTELLS, 1999, p. 23).

O antropólogo norueguês Fredrik Barth foi o primeiro estudioso a chamar a atenção para o fato de que não são as “diferenças objetivas” que permitem a criação de grupos étnicos. Os “emblemas de diferença”, como ele assim os chama, que se unem para construir uma identidade comum são a linguagem, a vestimenta, o uso de penteados específicos, ou, ainda, a cor da pele (HOFBAUER, 2003, p. 54).

Stuart Hall (2006) fala de três concepções de identidade. A primeira e a segunda concepção já teriam ficado para trás, sendo que a terceira seria a que estamos vivendo na atualidade. São elas:

✓ Sujeito do iluminismo: Centrado, unificado, dotado de capacidades da razão. Nessa concepção, a identidade do sujeito está ligada a um centro de individuação. A pessoa adquire a ideia de particularidade desde o seu nascimento e isso perdura até sua morte;

✓ Sujeito sociológico: A identidade deixa de ser apenas o “eu” e passa a se formar na interação desse “eu” com a sociedade;

✓ Sujeito pós-moderno: É fragmentado, formado por facetas de suas relações. A questão identitária assume um caráter relativo, podendo o sujeito assumir identidades diversas, dependendo do momento.

A definição que Castells nos oferece sobre o que seja a identidade é similar àquela que Hall chama de identidade cultural e diz respeito aos aspectos provenientes do fato de nos sentirmos pertencentes a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

Já Kathryn Woodward (2000, p. 38), aponta que a formação das identidades se dá pela construção de um núcleo essencial que distingue um grupo do outro. Esse núcleo essencial seria composto pelas diferenças de um grupo em relação a outro. Logo, pode-se asseverar que a identidade é relacional. Para que uma determinada identidade

exista, ela depende de algo que esteja fora dela, mas que forneça as condições para que ela exista. Sendo assim, é correto afirmar que a construção das identidades se dá também pela demarcação das diferenças, ou seja, a identidade não se constitui apenas daquilo que se é, mas também daquilo que não se é.

Assim, é possível notar que a dinâmica das relações sociais na contemporaneidade tem exibido a diversidade como um fator cada vez mais relevante. É dentro dessa tendência que alguns grupos sociais têm procurado preservar suas memórias ao mesmo tempo em que buscam maneiras de ressignificar suas identidades. Essa preservação da memória é importante na medida em que “a perda de memória é uma perda de identidade [...] Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas” (CANDAU, 2011, p. 59-60).

Fazendo uso dessas memórias e inserindo elementos culturais da atualidade, tais como a música, a moda, a dança, etc., grupos sociais minoritários – dentre eles, os negros - têm buscado construir uma identidade diferente daquela que por muitos anos foi fabricada pelas elites e que tentaram fazer-lhes acreditar como sendo a única possível para eles:

As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas à nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes (BAUMAN, 2005, p. 19).

Nesse processo de criação/recriação de uma identidade há uma reapropriação de elementos definidores das identidades, criando novos critérios a fim de transformá-las:

Todo o esforço das minorias consiste em se reapropriar dos meios de definir sua identidade, segundo seus próprios critérios, e não apenas em se reapropriar de uma identidade, em muitos casos, concedida pelo grupo dominante. Trata-se então da transformação da hetero-identidade que é frequentemente uma identidade negativa em uma identidade positiva. Em um primeiro momento, a revolta contra a estigmatização se traduzirá pela reviravolta do estigma, como no caso exemplar do *black is beautiful*. Em um segundo momento, o esforço consistirá em impor uma definição tão autônoma quanto possível de identidade (CUCHE, 1999, p. 190-191).

Essa atitude de buscar criar e/ou recriar uma identidade que seja sua, de sua própria autoria, sem se deixar levar pelas influências do *outro* é, mais uma vez, referendada por Zygmunt Bauman quando este afirma que, na contemporaneidade, “as identidades ganham livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher,

capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p. 35).

Em busca da subjetividade

A letra de música escolhida para análise levanta a questão identitária, considerada em seu aspecto histórico-cultural. *Negro drama* foi lançada no álbum duplo *Nada como um dia após o outro dia* e nela é possível perceber o processo de subjetivação do negro brasileiro, morador da periferia.

Para entender o processo de construção de uma identidade negra positiva, analisaremos o modo como as metáforas se transformam em ferramentas eficazes na construção identitária dos negros pobres, moradores de periferias.

Negro drama é um *rap* dividido em três partes: na primeira, há o relato do drama que é ser negro numa sociedade racista; na segunda, ele passa a contar sua história; na terceira, ele mostra sua indignação com a atitude de algumas pessoas continuarem “de olho” nele, apenas por ser negro:

Negro drama

Negro Drama
Entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas,
Invejas, luxo, fama
Negro drama
Cabelo crespo
e a pele escura
A ferida, a chaga,
a procura da cura
Negro drama
Tenta ver
e não vê nada,
A não ser uma estrela,
Longe, meio ofuscada,
Sente o drama
O preço, a cobrança
No amor, no ódio,
a insana vingança,
Negro drama
Eu sei quem trama
e quem tá comigo
O trauma que eu carrego
Pra não ser mais um preto fodido
O drama da cadeia e favela,
Túmulo, sangue,
Sirenes, choros e velas
Passageiro do Brasil,
São Paulo, agonia

Que sobrevivem
Em meio à zorra e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando
O que você tem a ver com isso?
Desde o início
Por ouro e prata
Olha quem morre
Então veja você quem mata
Recebe o mérito a farda
que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto
Já é cultural
Histórias, registros, escritos,
Não é conto, nem fábula,
Lenda ou mito
Não foi sempre dito,
Que preto não tem vez?
Então olha o castelo e não,
Foi você quem fez cuzão.
Eu sou irmão
Dos meus truta de batalha,
Eu era a carne,
Agora sou a própria navalha,
Tim...Tim...
Um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias,
Trajetos e glórias
O dinheiro tira um homem da miséria,
Mas não pode arrancar,
De dentro dele a favela,
São poucos
que entram em campo pra vencer
A alma guarda
o que a mente tenta esquecer,
Olho pra trás,
Vejo a estrada que eu trilhei
Mó cota,
Quem teve lado a lado,
E quem só ficou na bota.
Entre as frases,
fases e várias etapas,
do quem é quem,
Dos mano e das mina fraca,
Negro drama de estilo,
Pra ser,
E se for, tem que ser,
Se temer é milho.
Entre o gatilho e a tempestade,
Sempre a provar,
Que sou homem e não um covarde,
Que Deus me guarde,
pois eu sei
que ele não é neutro,
Vigia os ricos,
mas ama os que vem do gueto.
Eu visto preto
por dentro e por fora,
Guerreiro, poeta

entre o tempo e a memória
Ora, nessa história
vejo o dólar
e vários quilates
Falo pro mano,
que não morra
e também não mate.
O tic tac não espera
veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa,
E cheia de morteiro,
Pesadelo, hum...
É um elogio,
Pra quem vive na guerra,
A paz nunca existiu.
No clima quente
A minha gente sua frio
Tinha um pretinho,
Seu caderno era um fuzil.
Negro drama
Crime, futebol, música, caraio,
Eu também, não consegui fugir disso ai
Eu sou mais um,
Forest Gump é mato,
Eu prefiro contar uma história real
Vou contar a minha....
Daria um filme,
Uma negra,
e uma criança nos braços,
Solitária na floresta
de concreto e aço,
Veja,
Olha outra vez
o rosto na multidão
A multidão é um monstro,
Sem rosto e coração.
Hey, São Paulo,
Terra de arranha-céu,
A garoa rasga a carne,
É a torre de Babel
Família brasileira
Dois contra o mundo
Mãe solteira
De um promissor Vagabundo.
Luz, câmera e ação,
Gravando a cena vai
O bastardo,
Mais um filho pardo,
Sem pai
Hey, Senhor de engenho,
Eu sei bem quem você é,
Sozinho, cê num guenta,
Sozinho, cê num guenta a pé,
Cê disse que era bom,
E as favela ouviu
Lá também tem
Whisky, e Red Bull,
Tênis Nike, Fuzil
Admito,
Seus carro é bonito,

É, e eu não sei fazer,
Internet, vídeo-cassete,
Os carro loco
Atrasado,
Eu tô um pouco
sei,tô...
Eu acho sim
Só que tem que,
Seu jogo é sujo,
E eu não me encaixo,
Eu sou problema de montão,
de carnaval a carnaval
Eu vim da selva, sou leão,
Sou demais pro seu quintal,
Problema com escola,
Eu tenho mil, mil fita,
Inacreditável, mas seu filho me imita,
No meio de vocês,
Ele é o mais esperto,
Ginga e fala gíria,
Gíria não, dialeto
Esse não é mais seu,
Ó, subiu,
Entrei pelo seu rádio,
Tomei, cê nem viu,
Nóis é isso, aquilo,
O que, cê não dizia,
Seu filho quer ser preto,
Ah, que ironia
Cola o pôster do Tupac ai,
Que tal, que cê diz?
Sente o negro drama,
Vai, tenta ser feliz,
Hey, bacana,
Quem te fez tão bom assim,
O que cê deu,
O que cê faz,
O que cê fez por mim?
Eu recebi seu tic,
Quer dizer kit,
De esgoto a céu aberto,
E parede madeirite,
De vergonha eu não morri,
To firmão, eis-me aqui,
Você não, cê não passa,
Quando o mar vermelho abrir,
Eu sou o mano
Homem duro,
Do gueto, Brown, Obá,
Aquele loco,
Que não pode errar,
Aquele que você odeia,
amar nesse instante,
Pele parda, ouço funk,
E de onde vem
Os diamante?
Da lama.
Valeu mãe!
Negro drama,
drama, drama.

Aí,
Na época dos barraco de pau lá na pedreira
Onde cês tava?
O que cês deram por mim ?
O que que cês fizeram por mim ?
Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho
Agora tá de olho no carro que eu dirijo
Demorô, eu quero é mais
Eu quero é ter sua alma
Aí, o rap fez eu ser o que sou
Ice Blue, edy rock e kljay, e toda a família
E toda geração que faz o rap
A geração que revolucionou
A geração que vai revolucionar
Anos 90, século 21
É desse jeito
Aí, você saí do gueto,
mas o gueto nunca saí de você, morou irmão?
Cê tá dirigindo um carro
O mundo todo tá de olho ne você, morou
Sabe por quê?
Pela sua origem, morou irmão?
É desse jeito que você vive
É o negro drama
Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama
Eu sou fruto do negro drama
Aí dona Ana, sem palavras...
A senhora é uma rainha
Mas aí, se tiver que voltar pra favela
Eu vou voltar de cabeça erguida
Porque assim é que é
Renascendo das cinzas
Firme e forte, guerreiro de fé,
Vagabundo nato!
(RACIONAIS MC, 2002)

A primeira metáfora desse texto é criada a partir do estabelecimento de “cadeia” e “favela” como sinônimos: “O drama da cadeia e favela/Túmulo, sangue / sirene, choros e vela”. Tanto o vocábulo “cadeia” quanto o vocábulo “favela” podem ser relacionados a “túmulo, sangue, sirene, choros e velas”, que, por sua vez, remetem diretamente à ideia de morte. Ao destrinchar essa metáfora, poderíamos descrevê-la assim:

CADEIA	FAVELA
Cadeia é túmulo	Favela é túmulo
Cadeia é sangue	Favela é sangue
Cadeia é sirene	Favela é sirene
Cadeia é choro	Favela é choro
Cadeia é vela	Favela é vela

Como se vê, o uso das palavras “cadeia” e “favela” como sinônimos produz implicitamente uma metáfora que pode ter seus elementos invertidos sem que haja prejuízo para o entendimento da mensagem que se deseja passar: cadeia é favela / favela é cadeia.

Isso equivale a fazer duas afirmativas que se complementam. A primeira é que as pessoas que estão presas são, em sua maioria, oriundas da favela; a segunda é que morar na favela faz aumentar as chances de ser preso em algum momento da sua vida. Essas afirmativas reforçam as estatísticas. Conforme atestam dados de pesquisas e estudos recentes², a população carcerária brasileira é constituída, em sua maioria, por jovens, negros, pobres, com pouca ou nenhuma escolarização, em sua maioria residentes nas favelas e periferias das grandes cidades.

Nos versos “Histórias, registros, escritos/ Não é conto nem fábula/lenda ou mito” outra metáfora é criada de maneira inusitada. Como se dá por meio da negação, esta metáfora acaba por se transformar em antítese: história se opõe a conto/fábula; registro se opõe à lenda; escrito se opõe a mito. A criação dessa metáfora serve para atestar a veracidade dos fatos sobre os quais ele passa a narrar, aludindo à história do Brasil.

²Todos disponíveis em:

http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2015/06/23/interna_nacional,661171/levantamento-aponta-que-maioria-dos-presos-no-brasil-sao-jovens-negro.shtml. Acesso em 13 de julho 2018.

Os registros históricos são pródigos em mostrar que durante o período do Brasil - colônia houve aprisionamento não só de negros, como também de índios, com o intuito de explorar a mão de obra, visando sempre ao lucro dos senhores de escravos: “Você deve tá pensando/O que você tem a ver com isso?/Desde o início/Por ouro e prata/Olha quem morre/Então veja você quem mata/ Recebe o mérito a farda/que pratica o mal/Me ver pobre, preso ou morto/Já é cultural//Não foi sempre dito/Que preto não tem vez?/Então olha o castelo e não/Foi você quem fez, cuzão.”

Nos dois últimos versos citados, o locutor menciona o seu “castelo”, ou seja, a sua história, criando mais uma vez uma metáfora *em ausência*. Atente-se aqui para dois significados da palavra castelo, que muito dizem sobre sua utilização. O primeiro é “Construção em lugar elevado, com muralhas e torres, destinadas à defesa de uma posição estratégica; fortaleza; praça forte”. O segundo é “residência senhorial fortificada”. A substituição da palavra “história” pela palavra “castelo” nos permite perceber uma inversão da posição de senhorio, que passa a ser do locutor e não mais de seu interlocutor, aqui representado pelo “senhor de engenho”.

Após falar da construção de seu “castelo”, ele continua a se descrever: “Eu sou irmão/dos meus truta de batalha/Eu era a carne/agora sou a própria navalha/Tim... tim.../Um brinde pra mim/Sou exemplo de vitórias/trajetos e glórias”. Nessa descrição, surgem mais duas metáforas que acabam por se transmutar em uma antítese: antes ele era “carne” (sofria a ação de cortar); agora é a “navalha” (pratica a ação de cortar). O fato de ter conseguido mudar a situação, ter se tornado um vitorioso e ter conseguido reverter a identidade negativa que tentaram lhe impingir faz com que ele erga um brinde a si próprio. Importante destacar que o “eu” descrito aqui e em outras letras também se aplica a todos os negros que se encontram na mesma situação que ele. O “eu” é individual, mas também é coletivo, como pode se perceber nos exemplos a seguir:

- ✓ “O dinheiro tira o homem da miséria” (“eu” coletivo).
- ✓ “Olho pra trás/Vejo a estrada que eu trilhei” (“eu” individual).
- ✓ “Entre as frases/ fases e várias etapas/ do quem é quem/ dos mano e das mina fraca” (“eu” coletivo).

Nos versos “O tic tac não espera/ veja o ponteiro” há a presença de uma onomatopeia que assume um caráter metafórico quando se depreende que “o tic tac” deve ser relacionado ao tempo.

A última estrofe da primeira parte faz alusão ao fato de que ele próprio – o locutor – não tenha conseguido se livrar do estigma reservado aos negros de conseguir

notoriedade apenas por meio da criminalidade, do futebol e da música. Serve também para introduzir o assunto que virá a seguir, a saber, sua própria história: “Crime, futebol, música, caraio/ Eu também não consegui fugir disso aí/ Eu sou mais um/ Forrest Gump é mato/ Eu prefiro contar uma história real”.

Inicia-se aqui a segunda parte da música com uma história pessoal do próprio locutor:

“Vô contar a minha
Daria um filme:
Uma negra
e uma criança nos braços
Solitária na floresta
de concreto e aço
Veja
Olha outra vez
o rosto na multidão
A multidão é um monstro
sem rosto e coração
Ei São Paulo
terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne
É a Torre de Babel
Família brasileira
dois contra o mundo
Mãe solteira de um
promissor vagabundo
Luz, câmera e ação
Gravando a cena vai
um bastardo
Mais um filho pardo
Sem pai.”

A história que ele passa a contar pode servir de exemplo para que outras pessoas com uma história análoga também possam se sentir capazes de “virar o jogo”. Nessa história, a predominância das metáforas é clara. A cidade de São Paulo é o primeiro elemento de duas comparações. Primeiro, ele a compara a uma floresta de concreto e aço. É necessário fazer aqui uma pausa para destacar o significado simbólico da floresta, que para nós, sujeitos urbanos, quase sempre remete ao desconhecido, a perigos a serem enfrentados, à luta pela sobrevivência. Depois, São Paulo é comparada à Torre de Babel, construção emblemática descrita em texto da Bíblia ³ que se tornou a metáfora do nascimento de novos idiomas, ou seja, por causa dela as pessoas passaram a não mais se entenderem, falando línguas diferentes. Portanto, nesse contexto, a cidade pode ser vista como um lugar cheio de perigos e desafios, onde ninguém se entende. A multidão é

³ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/11> Acesso em 13 de jul. 2018

comparada a um monstro que não possui rosto - o que dificulta a sua identificação - e nem coração, - o que a torna desprovida de qualquer emoção.

Dando continuidade à sua história, fala de uma situação comum nas cidades brasileiras, uma mãe negra abandonada com um filho bastardo e pardo que o torna um forte candidato a ser “um promissor vagabundo”.

Ora, o comum é ouvirmos o adjetivo “promissor” ser empregado para caracterizar tipos de profissões, tais como, “advogados promissores”, “médicos promissores”, “professores promissores”, “engenheiros promissores” etc. Ao empregar a expressão “promissor vagabundo”, é como se o locutor reafirmasse as chances desse filho bastardo, pardo, criado sozinho pela mãe pobre se tornar um vagabundo (que aqui deve ser entendido com o significado de “fora da lei”, “marginal”). Esse trecho pretende tornar mais digno de admiração o feito empreendido pelo locutor de ter conseguido mudar a sua história, desvencilhando-se do pretense “destino” que a sociedade havia para ele traçado.

O locutor volta a se dirigir diretamente ao “senhor de engenho” em tom acusatório, dizendo-se não ser mais facilmente enganado e lançando-lhe o desafio de enfrentá-lo em igualdade de condições: “Ei, Senhor de engenho/ Eu sei quem você é/ Sozinho, cê num guenta/ Sozinho/ Cê num entra a pé”. Seguindo seu relato, o locutor, menciona o consumismo incentivado pela mídia que faz com que jovens e adolescentes passem a ter como objeto de desejo produtos que seriam inacessíveis se não fosse com o dinheiro do tráfico e da criminalidade: “Cê disse que era bom/ E as favela ouviu/ Lá também tem whisky/ Red Bull, tênis Nike e fuzil”.

A metáfora seguinte é “Sou leão”. Em tom irônico, o locutor diz que ainda assim, com todos esses “senões” é ele que seu filho imita. É também em tom de sarcasmo que menciona o súbito interesse do estrato social mais elitizado pela arte e cultura produzida na periferia: “Inacreditável, mas seu filho me imita/ No meio de vocês/ele é o mais esperto/ Ginga e fala gíria/Gíria não, dialeto/ Esse não é mais seu/ Ó, subiu/ Entrei pelo seu rádio/ Tomei/ Cê nem viu/ Nós é isso ou aquilo/ O quê/ Cê não dizia/Seu filho quer ser preto/ Rááá.../ Que ironia”.

Dá-se início então à terceira parte da música que é dedicada a enaltecer o movimento *hip hop* e a sua importância na história de vida dos integrantes do grupo, além de um agradecimento explícito à “Dona Ana”, mãe do vocalista Mano Brown. No agradecimento que faz à sua mãe, Brown a chama de rainha, numa metáfora amplamente utilizada pelos filhos para se referirem às mães que admiram. E termina dizendo que não

teria nenhum problema em voltar pra favela, pois é “forte, guerreiro de fé”, capaz de passar por todos os percalços novamente e sair vencedor.

As metáforas orientacionais fazem parte de uma nova definição criada por Lakoff e Johnson (2002) e recebem esse nome porque “[...] a maioria delas tem relação com a orientação espacial: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – atrás, em cima de – fora de (*on-off*), fundo – raso, central – periférico” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 59 e 60).

A respeito das metáforas orientacionais, Lakoff & Johnson afirmam:

Essas orientações espaciais surgem do fato de termos os corpos que temos e do fato de eles funcionarem da maneira como funcionam no nosso ambiente físico. As metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA. O fato de o conceito FELIZ ser orientado para o PARA CIMA leva a expressões como “Estou me sentindo *para cima* hoje”. Tais orientações metafóricas não são arbitrárias. Elas têm uma base na nossa experiência física e cultural (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 59-60).

As metáforas orientacionais funcionam como sinalizador cultural dos valores éticos, morais, históricos e sociais de uma pessoa e, por consequência, de todo um povo. É por essa razão que deve ser estudada como estratégia na transformação de uma identidade “negativa” em identidade “positiva” nesse processo de ressignificação pelo qual têm passado as identidades dos negros brasileiros marginalizados.

“Racional é para cima/ Irracional é para baixo” é a primeira metáfora orientacional a ser percebida e já aparece no nome do grupo: Racionais MC. Seu uso é justificado pelo trabalho de politização e conscientização que o grupo se propõe a fazer usando para isso não só as suas letras, mas também palestras, mesas-redondas, entrevistas etc., das quais participam.

Em “Negro Drama”, o uso desse tipo de metáforas também é visível e produz o que se pode chamar de “virada”, no processo de deslocamento de sentidos. A letra narra os dramas vividos pelos negros moradores da periferia até que introduz a primeira metáfora orientacional.

Quando o locutor diz: “Eu era a carne/ Agora sou a própria navalha” há a reversão do estado de submissão e o locutor passa a ter o controle da situação. Dessa forma, configura-se o uso da metáfora orientacional: “Ter controle ou força é para cima; estar sujeito a controle ou força é para baixo”. O seu uso tem o caráter de afirmação e serve para mostrar a superioridade recém-conquistada em relação ao interlocutor.

A metáfora orientacional, “Virtude é para cima; depravação é para baixo”, aparece em duas ocasiões diferentes. A primeira é quando afirma ser merecedor de um brinde: “Tim tim/ um brinde pra mim/ sou exemplo de vitória/ trajetões e glórias”. A virtude estaria na persistência que o tornou um vitorioso em meio a uma trajetória repleta de dificuldades, sem se deixar corromper pelo apelo do enriquecimento fácil que a vida do crime proporciona. A segunda é quando afirma “Sou homem e não covarde”. Nos dois trechos, há negação das características que configuram as não-virtudes fraqueza, desânimo e medo, sinalizando positivamente para aquelas que mostram a coragem, o destemor e a prontidão para “virar o jogo” que o locutor possui e que foram responsáveis pelo seu sucesso nesta empreitada.

No trecho “Eu vim da selva/ sou leão/ sou demais pro seu quintal”, identificamos o uso de mais uma metáfora orientacional: “Status superior é para cima; status inferior é para baixo”. O leão é um animal selvagem, forte, ágil e corajoso. Ocupa uma posição de destaque na hierarquia animal, estando no topo da pirâmide hierárquica. Ele é o rei. Ele é quem manda. É dono do seu território, zela por ele e está sempre alerta para defendê-lo.

É possível também relacionar o leão à figura de Jesus Cristo, que na Bíblia recebe o título de “Leão da tribo de Judá”, numa alusão ao fato de ser Jesus Cristo o Messias esperado, o rei que tem sua descendência na tribo de Judá: José, marido de Maria, é descendente direto de Judá⁴ e, portanto, Jesus também. Sua vitória seria testemunhada por sua história: teria vindo ao mundo para cumprir a missão de dar-se em sacrifício pela expiação dos pecados da humanidade, como exemplo de integridade e virtude, realizando prodígios e, após morrer na cruz, teria vencido a morte ressuscitando ao terceiro dia. Todos esses relatos bíblicos⁵ o alçaram a uma posição de destaque no cristianismo, tornando-o símbolo de realeza, poder e autoridade. Logo, ao se dizer um leão (espécime animal), o que o locutor está dizendo implicitamente é que ele não pode ser domesticado e ocupa uma posição de mando nas relações que mantém com o interlocutor, ou seja, ele não mais se deixa levar pelas tentativas de ser intimidado.

Considerações finais

⁴ Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/1> Acesso em 22 jul. 2018

⁵ Os relatos referentes à passagem de Jesus na terra estão registrados na Bíblia Sagrada, nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João.

A situação do negro brasileiro passou por mudanças significativas desde a época do Brasil Colônia. O que temos agora não é mais o negro escravizado, “coisificado”. A realidade que se estampa a olhos vistos é a de um grupo étnico-social que busca maneiras de reverter o processo de criação de uma identidade criada no passado a partir de elementos que carregavam uma carga negativa, depreciativa.

Os integrantes do grupo Racionais MC aparecem nesse cenário como parte importante desse processo, uma vez que suas músicas trazem letras que assumem uma posição combativa, contestando o sistema, questionando atitudes e buscando ressignificar elementos antes tidos como negativos em positivos.

A representatividade alcançada pelo grupo no meio musical, no movimento *hip hop* e entre os moradores de periferia os coloca numa posição de deferência, tornando-os importantes nesse processo de criação/recriação de uma identidade em que se busca valorizar a cultura africana e afro-brasileira.

No que diz respeito ao uso das metáforas, com o objetivo de criar uma identidade para o negro brasileiro que não esteja atrelada aos estigmas racistas e de preconceito racial e social, o que se pode afirmar é que a utilização destas figuras de linguagem contribui para a construção da subjetividade. Há que se destacar ainda que o emprego das metáforas orientacionais, com um sentido construtivo, proporciona a criação de uma identidade negra de valorização positiva, de vencedor, de sujeito de sua própria história, diferente daquela que lhe foi atribuída no passado.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **As figuras de linguagem**. São Paulo: Ática, 1989.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CUCHE, Denys. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Lisboa: Fim de século, 1999.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Educ/Mercado de letras, 2002

MELLO, José Geraldo Pires de. **Figuras de estilo**. São Paulo: Rideel, 2001

RACIONAIS MC. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Unimar Music, 2002, 2 CDs.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença**. São Paulo: Vozes, 2000.

EL USO DE LAS METÁFORAS EN EL “NEGRO DRAMA”, DE RACIONAIS MC: ESTRATEGIA PARA CONSTRUIR UNA IDENTIDAD POSITIVA PARA LOS NEGROS BRASILEÑOS QUE VIVEN EN LA PERIFERIA

Resumen

Este trabajo investiga cómo el uso de metáforas en la canción “Negro drama”, de Racionais Mc, que pertenece al disco Nada como um dia após o outro dia, lanzado en 2020, colabora con el proceso de construcción de una identidad positiva para el negro brasileño que vive en la periferia. En este análisis, se enfatizan los conceptos de metáfora conceptual y metáfora estructural, creados por George Lakoff y Mark Johnson (2002), y cómo el uso de esas categorías contribuye a la creación de una imagen fuerte, combativa y altiva. El estudio de la letra se centra en la estrategia lingüística utilizada — el uso de metáforas — con el propósito de buscar formas de ressignificar palabras e actitudes capaces de agregar elementos que denotem aspectos positivos que contribuyan para la creación y la recreación de la identidad de los negros en Brasil, principalmente en la periferia. Se considera que la figura del lenguaje va más allá de su función lingüística formal, de organización semántica en el texto, adquiriendo el carácter de recurso crítico que se manifiesta en la literariedad de la obra analizada.

Palabras Clave

Figuras del lenguaje. Identidad. Negritud. Rap.

Recebido em: 20/09/2020
Aprovado em: 05/11/2020